

DAS PERSPECTIVAS LOCAIS ÀS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: REPRESENTAÇÕES MÚLTIPLAS SOBRE A EUROPA

João Victor Machado *

Jonathan Cardoso **

Resenha de *Visões da Europa: representações e discursos*, de Neli Aparecida de Mello-Théry e Hervé Théry (orgs.). São Paulo: Annablume (2013).

A imagem por meio da qual reconhecemos um determinado território é carregada de significados simbólicos. Igualmente o é a compreensão acerca do lugar que esta ou aquela nação ocupa no interior das relações internacionais. Neste diapasão, tanto a força da representação cartográfica quanto os esforços de mobilização política associadas à formação dos territórios nacionais não foram suficientes para nos convencer de que as fronteiras são entidades fixas e os limites dos territórios são naturais (cf. RIBEIRO, 2015). Muito pelo contrário, a compreensão ao redor de tais temas não é compartilhada de forma homogênea pelos diferentes grupos sociais que formam uma nação (ver, p.ex., ANZÁLDUA, 2012 [1987]).

O ponto fulcral de *Visões da Europa: representações e discursos* — obra coletiva organizada pelo casal de geógrafos franco-brasileiro Hervé Théry e Neli Aparecida de Mello-Théry e publicado pela editora Annablume no ano de 2013 — é valorizar os sentimentos e as imagens despertados pelo continente europeu em universitários de treze nacionalidades e diferentes formações acadêmicas. O livro estrutura-se de forma a apresentar os resultados finais do projeto *Eurobroadmap*, cujo objetivo consistia em analisar, por meio de articulações entre as escalas de pertencimento local, regional,

* Estudante de Relações Internacionais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e integrante do Laboratório Política, Epistemologia e História da Geografia (LAPEHGE/UFRRJ), onde atua como bolsista PIBIC/CNPq na pesquisa “A geografia como geopolítica do conhecimento: diálogos pós-coloniais”, sob orientação do professor Guilherme Ribeiro (PPGGEO/UFRRJ). E-mail: jvsanchesmm@gmail.com

** Estudante de Relações Internacionais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e integrante do Laboratório Política, Epistemologia e História da Geografia (LAPEHGE/UFRRJ) coordenado pelo professor Guilherme Ribeiro (PPGGEO/UFRRJ). E-mail: jonathan_cardoso100393@hotmail.com

nacional e internacional e explorando entrevistas e discursos oficiais, como europeus e não-europeus representam a Europa e até que ponto tais representações convergiam com o que se entende por União Européia. Assim, os organizadores e demais autores do livro puderam observar que a representação dos estudantes estavam diretamente ligadas às questões históricas, sociais e políticas de seus respectivos países, às maneiras como eles enxergavam suas nações e a inserção das mesmas no plano internacional.

O livro divide-se em três partes: na primeira são discutidos os distintos fundamentos epistemológicos que nortearam o projeto como um todo; na segunda, foram grifados os olhares nacionais sobre a temática abordada e, por tratar-se de uma edição voltada ao público brasileiro, foram utilizados os resultados das pesquisas realizadas no Brasil, Portugal e França; por fim, tratou-se da representação do continente em livros didáticos em Portugal e no Brasil em diferentes períodos, pois esta é uma maneira interessante de entender a constituição da imagem a respeito da Europa na mentalidade das populações destes países.

Depreende-se que o continente europeu viveu intensa dinâmica regional nas últimas décadas. Segundo a obra em tela, este processo pode ser vislumbrado em três etapas: entre 1985-1991, período marcado pelo fim da Guerra Fria simbolizando o fim dos grandes blocos antagônicos, é também momento em que a economia global caminha rumo à globalização; entre 1995-1999, a ênfase recai nas variadas dinâmicas econômicas e políticas, com a aceleração da transição dos países até então pertencentes ao antigo bloco comunista em direção ao neoliberalismo; por último, 2005-2009 é o período de ascensão das economias emergentes no cenário internacional e certo declínio das economias da União Européia e dos Estados Unidos da América. O efeito desta dinâmica é a geração de um mundo policêntrico.

Outro aspecto a destacar que perpassa todo o livro é a grande quantidade de interpretações a respeito do continente europeu e, paralelamente, análises a respeito da identidade pela qual cada indivíduo (europeu ou não) se reconhece territorialmente nas diversas esferas de representação, da nacional à regional. Sobre este tópico, a interrogação que se coloca é: até que ponto a forma como a Europa é percebida constitui uma visão geopolítica? No processo histórico de constituição da Europa, as dinâmicas territoriais podem ser entendidas como resultado das relações de interesses

e discursos que perpassaram as relações internacionais deste continente, e o livro explora este aspecto por meio dos fluxos de comércio e de tráfego aéreo, das relações diplomáticas e divisões mentais do globo, por exemplo. Se sublinharmos as relações internacionais, a percepção por meio da qual os indivíduos classificam a natureza de uma instituição como a União Europeia ou o papel da mesma no tocante aos conceitos de *soberania* e *responsabilidade*, por exemplo, veremos que tal percepção corresponde ao processo discursivo subjetivo da dinâmica entre atores internacionais (CAMPBELL, 1996).

Dentre os estudos apresentados no livro, um tema posto em pauta na discussão do Conselho Europeu foi uma “União Mediterrânea” em que os países africanos integrantes da costa mediterrânea seriam convidados a participar, considerando que as nações do norte da Europa possuem laços econômicos e turísticos com estes países. No entanto, observamos que o primeiro esboço desse projeto foi rejeitado pela Alemanha e, além dela, os novos países membros da União Europeia oriundos do Leste Europeu alegaram que o foco da expansão deveria ser a porção mais oriental do “Velho Continente”.

Destarte, podemos notar a distinção tanto entre os gestores da política europeia quanto entre seus cidadãos no que concerne às expressões “vizinhos europeus” e “vizinhos da Europa”. Esta diferença deve ser levada em consideração se quisermos compreender o sentimento de que a África deve ser separada da Europa através de uma fronteira clara — seja qual for o preço a ser pago. As manifestações de intransigência, xenofobia e inabilidade da União Europeia e de vários cidadãos de nações europeias diante dos migrantes sírios demonstram isso cabalmente.

Em termos de representação, cumpre separar também o impacto provocado pelos manuais de geografia. No caso abordado pelo livro, trata-se da percepção dos portugueses por meio dos atlas escolares confeccionados entre 1930 a 2009, com destaque para a discussão sobre os limites geográficos do continente europeu e o papel da União Europeia como referência de uma Europa política e bem delimitada. Contudo, é possível identificar certo descompasso entre a atual percepção política e a esfera educacional, pois esta apresenta um pouco de atraso nas informações publicadas e é influenciada por diversos fatores, tais como as políticas educacionais de cada época analisada, a perspectiva geográfica ou a tecnologia de então.

Em linhas gerais, *Visões da Europa: representações e discursos* nos proporciona uma gama de interpretações sobre o que entendemos por Europa, reconhecendo a importância do lugar e do processo histórico na constituição identitária dos sujeitos pesquisados. Assim, estamos diante de múltiplas respostas para as diversas questões abordadas, fruto de árduo estudo e levantamento de dados, além da elaboração de diversos mapas e imagens que auxiliam na apresentação dos resultados obtidos.

Referências Bibliográficas:

ANZÁLDUA, Gloria. *Borderlands/La Frontera. The New Mestiza*. 4th edition. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012 [1987].

CAMPBELL, David. Violent performances: identity, sovereignty, responsibility. In: KRATOCHWIL, Friedrich; LAPID, Yosef. *The return of culture and identity in International Relations theory*. Boulder: Lynne Rienner 1996.

RIBEIRO, Guilherme. Geografia, fronteira do mundo. Ensaio sobre política, epistemologia e história da geografia. *GEOgraphia* (UFF), n. 34, 2015, p. 39-73.